

A Menina dos Olhos d'água

Cena 1 – Escuridão. A menina Clara está perdida. Caminha por um mundo seco e árido. Silêncio. Alguns seres a observam. Ela está atônita.

Clara – Mãe! Pai! Tem alguém aí? Que raio de lugar é esse? Como é que eu vim parar aqui? Será que isso é um sonho? Ou será um pesadelo? Pai! Mãe! Cadê vocês? Por que vocês não me tiram daqui? Tá tão quente aqui... tão abafado. Não consigo nem respirar direito. Quer raio de lugar é esse? Pai! Mãe!

Cena 2 – Mudança de luz. Quebra para realidade.

Mãe – Clara! Clara! Oh, minina não tá iscutâno não? Vem vê quem chegou. Essa minina agora só qué sabe de livro. Ocê tamém fica gastano dinhêro cum essas bobage. Se inda tivesse uma utilidade.

Pai – Oh, muié, larga mão de sê ignorante. E livro num tem utilidade não?

Mãe – Só se for pra alimenta a lenha do fogão.

Pai – Ah, muié ocê num tem jeito mermo. Livro é cultura. “ O sabê está nos livro”. – disse o Seu José lá do sebo.

Mãe – Sebo de que homi? De porco ou de carnêro?

Pai – Aí, num to falâno. Dixa de ser ignorante muié. Sebo é o nome do lugar onde vende os livro usado que eu compro pra Clarinha. Mas, por fala nela cadê essa minina?

Mãe – Oh, Clara! Mas será possível que eu vou te qui ir aí dentro te chamá? Larga desses livro ensebado.

Clara – Desculpa mãe. É que eu já estava no finzinho do capítulo. Pai! Você chegou! (Corre para abraça-lo) Que saudades! Dessa vez o senhor demorou demais a voltar.

Pai – Éh, minha fia essa vida de mascate num é fácil não. Eu também tava morreno de saudade d'ocês. Um dia se Deus quisé junto um bom dinhêro e paro com essa vida. Aí vô só cuida da terra, plantá, tratá dos bicho... mas oiê só! Vem vê o que que eu troxe procê dessa vez.

Clara – Outro livro pai? Eu já estou quase terminando o último que o senhor trouxe: “O Pequeno Príncipe”. É uma história muito linda.

Pai – Que bom que sê gosto fia. Foi o seu José que indicô. É um homi muito sabido. Mas não foi livro que eu troxe procê dessa vez não.

Clara – Não? Foi o que então pai? Fala logo que eu já estou ficando curiosa.

Pai – Óia só o títere que eu comprei procê lá na Casa dos Mamulengo. (Tira o boneco)

Clara – Ai! Que bicho feio. O que isso pai?

Pai – Isso aí é um cervo. Tem gente que chama alce. Tem outros que chamam gamo. O seu Maneco disse que ele veio de longe. Lá de num sei aonde de além mar... (observa a filha como boneco na mão) Que foi fia? Num gostô?

Clara – Não pai, brigada! Eu gostei...

Pai – Já sei! Ocê já num ta ligando mais brinquedo né? Já ta virano mocinha. Mas eu troxe outro presente procê.

Clara – Outro? O quê?

Pai – Ora, veja ocê merma o que é. (entrega à Clara uma caixinha delicada. Clara abre e tira um lindo par de brincos de ouro). E então gostô fia?

Clara – Pai, eles são lindos! Devem ter custado muito. O senhor não devia...

Pai – Que não devia o quê! Devia sim. Ocê tem ajudado a sua mãe e eu sei que seu niversário foi semana passada. Dispois ocê já tá virano mocinha e tem que anda formosa que nem as moça da sua idade.

Clara – Obrigada pai! Adorei os brincos. (torna a abraça-lo e vai saindo).

Pai – Óia Clara! Ta esqueceno o títere.

Clara – Ah, é! (pega o boneco sem vontade) Eu vou terminar de ler o livro.

Pai – Vai fia! Vai!

Pai E pra minha muié quirida o quê qui eu troxe?

Mãe – Ah, pensei que ocê tinha se esquecido de mim.

Pai – Mas cume qui eu vô esquecê muié? (tira da mala uma frigideira). Oiá só que beleza! Aproveita e estréia logo ela. Frita umas tira de torresmo, umas mandioca, uns três ovos, umas cinco lingüiça, dois bife e quatro choriço e põe num prato com feijão, arroz, macarrão, verdura, bobrinha, inhame, farinha e angu com carne moída que eu tô lascado de fome.

Mãe – Ah, é? Tá cum fome é? Comi vento que a única coisa que essa frigidêra aqui vai faze é galo.

Pai – Ué, se for frito ta bom.

Mãe – É galo na sua cabeça seu disgramento. (bate no marido) Procê aprende a agrada sua muié.

Pai – Calma Muié! Calma! Oh, muié nervosa sô! Não aceita nem um agrado. (A mulher bate mais uma vez) Calma coisa, óia só qui eu troxe procê. (procura algo na mala). É uma coisa de uma buniteza qui não tem tamanho. Me custo os óio da cara!

Mãe – É o que homi? Um cordão? Uma pulsêra?

Pai – Não mió, muito mió! (procura)

Mãe – Um vistido, um perfume?

Pai –Mío, mió...

Mãe – Fala homi!

Pai – Um cachecol!

Mãe – Cachecó? E o quê que eu vô faze com isso homi?

Pai – É pra ponha no pescoço uai!

Mãe – Ai, mas num calô desses. Quê que eu vô faze com isso? Só se for pra te enforcá.

Pai – Quê isso muié! É a última moda na cidade. As muié só sai na rua com um cachecol amarrado no pescoço.

Mãe – Se é assim então tá bom. Brigada!

Pai – Nada muié! Nada! (respira aliviado) Agora prepara meu almoço enquanto eu vô me lava.

Mãe – Pode dexá homi. (Pai sai.) Cachecó! Clara, ô Clara! Larga esses livro minina. Vai buscá água lá no regato pra eu fazê a comida do seu pai. Mas cuidado em! Cuidado com o Homi do Saco que adora pegá as minina assim da sua idade pra leva pra longe, pra fazê ruindade.

Clara – Pra longe onde mãe?

Mãe – Ah, pra longe ué! Pra longe! Ocê vai quere sabe onde é?

Clara – Não mãe! Deus me livre!

Mãe – Mas é até bom ocê sabe mermo. Tem muita criança da sua idade que já sumiu aí na vizinhança. Lembra da fia da D. Mariquinha? E o fio da Constança? Nunca mais parecêro. Veio poliça, veio advogado, veio inté o homi da televisão faze intrevista pra bota a cara das criança lá pra todo mundo vê e ninguém achou nem o rastro delas. Dizem que esse Homi do Saco é tinhoso que nem o mardito e convence as criança porque ele num tem cara de mal. É bunito que nem artista de novela. Bem diz o ditado: “quem vê cara não vê coração”. Agora vai Clarinha. Vai num pé e volta no outro e nada de dar atenção pra estranho.

Clara – Pode deixar mãe. Eu já volto.

Mãe – Então vai logo que seu pai tá com fome. E eu vô pega umas verdura na horta pra ir adiantano e dispois vou apanhá os ovo no galinhêro. (sai a mãe)

Cena 3 – Entra Clara correndo com um balde na mão e o boneco. Corre, brinca e imagina.

Clara - Voem, voem pássaros selvagens é hora de emigrar. Voem... (para e descansa) A água tá tão fresquinha que dá até vontade de se molhar. (bebe um pouco de água) Acho que não tem mal nenhum ficar um pouquinho. Melhor eu tirar os brincos de ouro pra não perder. (Tira os brincos e deixa-os em um canto da margem junto com o boneco). Pronto! (Começa a cantar e brincar sonhando as aventuras dos livros que lê).

- Cuidado Peter! Veja é o Capitão Gancho!
- Calma Wendy! Este cara de bacalhau não é páreo para Peter Pan!

(Canção sobre personagens de histórias infantis).

- Pinóquio meu filho como vamos sair da barriga desse baleia?
- Eu sei bem o que fazer pai. É só eu jogar um pouquinho de pimenta aqui e...
- Atccchhiinnn!!!!

Ai, meu sonho é conhecer o mar! Dizem que é grande e azul como o céu. (Pega o boneco, representa com ele).

- Pequena Sereia, você tem certeza? Quer deixar o seu mundo para se casar comigo?
- Sim meu príncipe. Tenho certeza, pois eu o amo mais do que tudo. (Beija o boneco. Ele cai no balde). Meu príncipe. Oh, não! Ele vai se afogar. Preciso salva-lo. (Enfia a cabeça no balde como se mergulhasse. Volta a si. Percebe que o tempo passou. Corre para casa). Meu Deus! Eu perdi a hora. Mamãe deve estar furiosa. O dia já está indo embora. (Sai de cena correndo com o boneco e o balde).

Cena 4 – A mãe entra com uma colher de pau na mão.

Mãe – Onde é que essa minina se meteu? Mais de hora pra ir buscá um balde d'água. Já tô ficano preocupada. (Entra Clara correndo com o balde d'água) Oh, minina! Que demora é essa? Eu já tava arrancano os cabelo.

Clara – Desculpa mãe! Eu me distraí brincando na água e acabei perdendo a hora.

Mãe – Ah, mas só ocê mêmo em Clarinha. Vive com a cabeça na lua. Só podia sê fia do seu pai mêmo. Só num te dô um castigo porque ocê falô a verdade. E quem fala a verdade num merece castigo.

Clara – Desculpa mãe! Prometo que isso não se repete.

Mãe – Dá logo essa água pra cá. Oh, minina e cadê os brinco de ouro que teu pai te deu? Num tava nas orêia? (Clara coloca as mãos nas orelhas de imediato).

Clara – Ai, minha Nossa Senhora!

Mãe – Num vai dizê que já perdeu?

Clara – Eu tirei pra água não levar deixei num canto da margem e acabei esquecendo de pegá-los.

Mãe – Num to falâno que ocê é uma cabeça de vento. E agora? Seu pai num vai gostá nadiquinha dessa história.

Clara – Eu vou buscar.

Mãe – Tá doida minina? Já iscureceu! É muito perigoso uma moça fica andando por aí nessas hora. O Homi do Saco só fica aguardano pra dá o bote e enche o saco murcho dele com uma minina bonita qui nem ocê. Dizem que as vez ele vende as criança inté pros exterior, pra outro país e d’outras vez obriga elas a trabaiá pra ele. E se a criança num fizé o que ele manda ele bate nela até ela aprender... ou perecer.

Clara – Ai mãe! Eu preciso ir. Alguém pode pegar os meus brincos de ouro. Eu vou e volto num pé só. Não conta nada pro pai. (Sai correndo).

Mãe – Oh, menina! Volta aqui! Clarinha! Óia o Homi do Saco! Ai, essa minina! Inda me mata de preocupação. (Sai de cena levando o balde d’água)

Cena 5 – Noite. A menina corre desesperada. Chega ao regato. Procura os brincos de ouro.

Clara – Onde foi que eu deixei? Tenho certeza que estava aqui. Será que alguém pegou? (O Homem do Saco aparece na sombra chinesa. Está com os brincos de ouro na mão. A menina continua procurando ansiosa).

Homem do Saco – Está procurando isso menina?

Clara – Sim. O senhor pode me devolver? É um presente muito estimado.

Homem do Saco – Claro! Venha pegá-los. Devem ficar bonitos em você. (A menina se aproxima receosa. Vai para a sombra chinesa. O Homem do Saco com a palma da mão aberta. Quando Clara chega perto e estende a mão para apanhar os brincos ele fecha a mão subitamente agarrando-a pelo braço com a outra) Acho que mudei de idéia. Vou ficar com eles... e com você também. (abafa o grito de Clara) Você vai me render muito mais ouro do que esses brinquinhos aqui. Muito mais minha bela menina. (pega o surrão e coloca a menina dentro. Costura-o)

Cena 6 – Escuridão. A menina está perdida. Continuação da cena 1.

Clara – Tá tão quente aqui. Tão abafado. Não consigo nem respirar direito. Que raio de lugar é esse? Pai! Mãe! (chora com medo) Será que esse pesadelo não vai acabar? Queria acordar logo. Tá tão escuro...

(Surge uma Velhinha tem boa aparência, mas há algo de estranho em seu olhar. Clara olha com medo).

Velha – Escuro? E o que é a escuridão pra alguém tão jovem como você? A escuridão não lhe tomou os olhos. Não deixe que tome a sua alma. Não ainda.

Clara – Ah, oi! A senhora é cega? Não pode ver? Ah, me desculpe eu não devia...

Velha – Não! Eu não sou cega. Não dos olhos. Eu posso ver você. É uma menina muito bela. Vejo seus cabelos negros como a noite e um sorriso ingênuo escondido em seus lábios, vejo sua pele fresca e suave e vejo a vida transbordando pelos seus olhos. Olhos vivos! Iluminados! Já eu vivo há tanto

tempo na escuridão que não lembro se encontrei a luz um dia. As trevas já dominaram cada parte do meu ser.

Clara – Pobre senhora. Gostaria de poder ajudá-la, mas estou perdida. Não sei que lugar é esse e nem como sair daqui e voltar pra casa.

Velha – Eu não preciso de ajuda. Parece que é você quem está precisando. Eu não sei onde fica a sua casa, mas vou lhe dar um presente. (Dá para Clara uma bola prateada com uma linha de seda dourada) Tome, pegue! (Clara pega a bola curiosa).

Clara – O que é isso? Que bola bonita!

Velha – Esta linha de seda dourada é a sua linha da vida que está muito bem guardada dentro desta bola de prata. Você já está crescida. Tem idade para ser responsável pela sua vida. Pode escolher o que quer e o que não quer viver. O que quer esticar e o que quer encurtar. E quando sentir medo, fome, frio ou dor só precisa puxar a linha que anos parecerão dias e dias parecerão segundos.

Clara – Obrigada! Parece ser um presente muito valioso.

Velha – O mais valioso de todos esteja certa. Guarde-o com segurança.

Clara – Senhora! Você havia dito que não é a escuridão que eu devo temer. O que devo temer então?

Velha – O tempo! O tempo menina! O tempo! (Clara olha para a bola de prata hipnotizada. Não percebe a saída da Velha Cega).

Clara – Como é mesmo o nome da senhora? (Olha e percebe que a velha sumiu. Procura e chama) Senhora! Senhora! Se foi... que estranho! Quem será ela? Ela disse que não é cega dos olhos... como se pudesse ser cega de outra coisa. Acho que essa velhinha está gagá. (olha a bola) Melhor eu guardar isso. Afinal, não vou jogar a minha vida fora né?

Cena 7 – Clara caminha distraída quando esbarra em um castelo de rolo de papel higiênico. Ao seu lado está um rei só de calção e coroa. Está sentado em um troninho (vaso sanitário).

Rei – Cuidado menina! Olha por onde andas! Queres que eu chame a guarda real e a mande prender nas masmorras? Queres passar o resto dos teus dias como minha prisioneira? Guardas!

(Entra o pajem)

Pajem – Me chamou V. Majestade?

Rei – Eu ordeno que leve está prisioneira para as masmorras.

Pajem – Sim, V. Majestade... Mas onde fica a masmorra?

Rei – Bem, a masmorra... éh, ... aqui do meu lado. Não está vendo?

Pajem – Claro V. Majestade. Perdoe-me V. Majestade.

Rei – Agora amarre-a bem forte com as correntes reais.

Pajem – Sim V. Majestade! (procura) Ah, com licença V. Majestade. Aonde estão as correntes reais?

Rei – Ora, mas tu não sabes nada. Ah, bem... Aqui estão as correntes (entrega o papel higiênico).

Pajem – Sim V. Majestade! As correntes. (enrola Clara). Pronto! A prisioneira está acorrentada V. Majestade.

Clara – Me solte, por favor! Me desculpa. Eu não tive a intenção. Estava distraída... (Clara desvia o olhar do Rei).

Rei – Distraída? Como podes não ter visto o meu castelo? Tu deves estar com inveja por não teres um castelo tão suntuoso com tantos tesouros como eu.

Pajem – Éh, ela está com inveja por não ter um castelo tão horroroso com tantos besouros como o seu (o rei olha reprimindo).

Clara – Não, não! Não sinto inveja do senhor (continua sem olhar fixamente. Está envergonhada) Eu só estou perdida...

Rei – Como ousas me tratar sem as devidas deferências?

Pajem – Éh, tem que tratá-lo com as devidas saliências. (o Rei olha mais uma vez para o Pajem que se cala envergonhado).

Rei – Deves se dirigir a mim como Vossa Majestade.

Clara – Perdoe-me Vossa Majestade. Eu não quis faltar com o respeito...

Rei – Estás perdoada. Eu ordeno que solte ela.

Pajem – Sim, V. Majestade.

Rei – Contudo ordeno que digas imediatamente quem és: uma mensageira de um reino distante; uma espiã; uma bastarda?

Clara – Sou Clara e estou perdida nesse mundo. Desejo voltar pra casa.

Rei – Não queres mesmo tomar o meu castelo?

Clara – Não!

Rei – E nem o meu tesouro?

Clara – Já disse que não.

Pajem – E nem o meu besouro?

Clara – Não!

Rei – Muito bem! Ainda assim é melhor não se aproximares. Eu não confio em ti. Posso mandar prendê-la de novo e então nunca mais tu vais encontrar tua casa.

Clara – Não, por favor! É o que mais temo. (chora)

Rei – Por que choras pirralha?

Pajem – Responda! Por que choras migalha?

Clara – Eu tenho medo.

Rei – Chegue-se pra lá com essas lágrimas e esse medo. Queres ir para a masmorra ou preferes experimentar a guilhotina?

Pajem – Éh, quer enfrentar a cachorra ou prefere gelatina?

Rei – Ahhhhhh!!!

Clara – Calma, senhor!

Rei – Senhor? Já te ordenei que me tratasses com as devidas deferências. Estás zombando de mim? Agora vejo que tu deves ser uma espiã de um reino inimigo, não é? Vieste roubar os meus bens, não é mesmo? Pois saiba que eu sou um rei muito, muito, muitíssimo poderoso. Senhor de muitos exércitos, dono de muito ouro. E tudo está guardado dentro do meu magnífico castelo. Sou o maior de todos os reis. O mais poderoso de todos e o mais rico também. Só um rei tão rico como eu poderia pagar os mais caros tecelões do mundo para tecerem para mim o mais belo, o mais deslumbrante, o mais extraordinário traje real existente. Um tecido tão fino e suave que é leve como uma teia de aranha. Parece que não se está usando nada, por isso é tão bonito... Não é?

Pajem – Oh, sim V, Majestade. Muito, muito bonito. Jamais vi algo tão bonito em toda a minha vida.

Clara – Mas eu não vejo nada. (Pajem observa e surpreende-se)

Rei – Como não? Veja estas belas mangas, olhe esses adornos no meu manto...

Clara – Eu não vejo nem mangas e nem manto.

Rei – E o meu colete observe os detalhes...

Clara – Não enxergo nenhum colete.

Rei – E a calça? Não está vendo os bordados?

Clara – Não! Nenhuma calça.

Rei – Não?

Pajem – Não?

Clara – Vossa majestade não está mesmo usando nada.

Rei – Como? O que disseste?

Clara – O rei está nu!

Pajem – Ai! Socorro! O rei está pelado! O rei está pelado!

Rei – Ahhhh! Bem que eu desconfiei que tinha sido trapaceado. Que vergonha! Que vergonha! (Sai correndo cobrindo o corpo e tropeça no castelo). Ai, meu castelo! Meu tesouro! Meu traje real! Ahhhh! (Sai de cena)

Cena 8 – Clara observa o rei saindo. Escuta ao longe um som não identificado. É o Homem do Saco que aparece na sombra chinesa.

Homem do Saco – Canta, canta meu surrão/ Senão te meto este bordão!

(A menina começa a sentir dores. Chora e geme de dor.)

Clara – Meu Deus! Que dor é essa pelo corpo? Ai, minha cabeça! Como me dói. Aaaaaiiii! Alguém me ajude! Alguém me salve!

(Surge a Serpente que se aproxima sorrateiramente de Clara).

Clara – Alguém me acuda, por favor!

Serpente – Sossegue criança! Tua dor passará num instante.

Clara – Quem fala? Quem é você?

Serpente – Uma amiga menina. Uma amiga que veio ajudá-la. Permita que eu me aproxime. Deixa-me beijar tuas feridas que a tua dor se dissipará num segundo.

Clara – Você jura que a dor vai passar?

Serpente – Juro! Claro que juro. E depois vou levá-la para um mundo onde não existe dor e nem sofrimento. Onde as crianças comem doces e brincam o dia inteiro. (A Serpente se aproxima mais de Clara) Um lugar que não existe medo. Tudo lá é brinquedo. (Clara delira de dor)

Clara – Me leva pra lá. Me leva!

Serpente – Levo! Levo menina! Você vai se sentir leve e vai voar como os pássaros... até as nuvens... leve como o ar...(A Serpente se aproxima para picá-la quando surge um grupo de crianças que começam a atirar pedras na cobra). Ahhhh! Crianças danadas! Vocês não poderão salvá-la sempre. Suas ingratas! Eu aliviei a dor de vocês. (As crianças continuam atirando pedras. A serpente foge.)

Clara – Me ajudem! Não suporto mais essa dor. (As crianças comemoram e se esquecem de Clara que sentindo fortes dores chora desesperada e aflita. Lembra-se da bola de prata pegando-a). A bola! (Em off: “Quando sentir medo, fome, frio ou dor só precisa puxar a sua linha que anos parecerão dias e dias parecerão segundos”).

Crianças – Não faça isso menina! Não puxe a fita! (As crianças gritam para que ela não puxe a linha, mas é em vão. Todos somem deixando Clara sozinha).

Cena 9 – Clara está só. Sente-se estranha.

Clara – (levanta-se) Eu dormi? Não sei. Há quanto tempo eu já estou aqui? Já nem sei mais. Parece que já faz tanto tempo. Eu sinto tanta fome e estou tão cansada... Como vou sair daqui? Eu preciso voltar pra casa. Mamãe deve estar tão preocupada.

(Aparecem Cosme e Damião. Escuta-se de longe a discussão dos dois).

Cosme – A culpa foi sua. Você só precisava puxar o estilingue.

Damião – Mas você não estava mirando direito. Ia acabar acertando a própria cara.

Cosme – Ele já estava na mira. Eu ia acertar bem na cabeça dele. Você só tinha que puxar o elástico.

Damião – Você quer sempre ter razão, mas nunca me ajuda. Não quis amarrar as latas no rabo do cachorro só porque a idéia foi minha.

Cosme – Claro! Só você pra ter uma idéia tão tola assim.

Damião – Tolo é você!

Cosme - É você!

Damião – Você! (começam a brigar. Se bater.)

Clara – Parem com isso vocês dois. Por que brigam tanto?

Damião – É este idiota.

Cosme – É você seu burro.

Clara – Parem já com isso! Será que não podem parar de brigar um segundo? (Eles param. Dão um segundo e voltam a brigar.)

Cosme – Agora você vai ver..

Damião – É você que vai aprender a não se meter comigo seu... (se enforcam, batem , empurram. Acabam por empurrar Clara que bate a cabeça e desmaia).

Cosme – Veja o que você fez seu besta!

Damião – Foi você seu asno!

Cosme – E agora o que vamos fazer?

Damião – Será que ela morreu?

Cosme – Será?

Cosme – É melhor você ir ver.

Cosme – Eu não sei se vou ter coragem. Você vem comigo?

Damião – Está bem, mas cuidado. (Se aproximam de Clara que geme. Eles tomam um susto e gritam).

Cosme – Ela não morreu.

Damião – Que bom! Vamos ver se ela está bem. (Se aproximam novamente).

Clara – Sede...

Cosme – Sede?

Damião – Sede!

Cosme – Pegue a água rápido.

Damião – O cantil. Segure. Eu giro a tampa.

Cosme – Dê a ela.

Damião – Apoie a cabeça para ela não se engasgar.

Cosme – Claro! Dê bem devagar.

Clara -(despertando) Obrigada!

Cosme e Damião – Nada...

Cosme – Você é...

Damião – Linda! (Os dois se encaram ao perceberem que estão apaixonados por Clara).

Clara – Obrigada rapazes! Vocês são uns amores. Como se chamam?

(os dois falam juntos)

Cosme – Cosme.

Damião – Damião.

Clara – Como?

(mais uma vez falam ao mesmo tempo).

Cosme – Eu me chamo Cosme e ele Damião.

Damião – Eu me chamo Damião e ele Cosme.

Clara – Esperem! Um de cada vez. Assim eu não entendo nada. Você é o ...

Cosme – Cosme.

Clara – E você?

Damião – Damião.

Cosme e Damião – Quer um doce?

Clara – Obrigada, Cosme! Obrigada, Damião! Vocês têm nomes muito bonitos. Eu me chamo Clara. Estou perdida. Não consigo achar o caminho de casa. Por acaso vocês sabem que lugar é esse? (os dois ficam em silêncio) Não sabem? Tudo bem. Eu vou acabar encontrando uma maneira de sair daqui. (Os dois afastam-se de Clara que fica olhando curiosa).

Cosme – Só um minutinho Clara. Nós já voltamos.

Damião – Éh, rapidinho. Só vamos acertar um detalhe aqui e já voltamos. (afastam-se)

Cosme – O que está pensando? Eu a vi primeiro.

Damião – Engano seu, meu irmão. Eu fui o primeiro a colocar os meus olhos nela e o primeiro a elogiar a sua beleza.

Cosme – Isso porque você falou na minha frente.

Damião – Ora, você vai ver só. Clara vai preferir a mim do que você.

Cosme – Eu duvido.

Damião – Quer apostar?

Cosme – Quero. Que vença o melhor. (aproximam-se de Clara)

Cosme – (de joelhos) Ó clara, moça donzela/ Tu és a mais bela flor da primavera./ Como em teu rosto o sol brilha intenso/ Em meu peito só há dor e sofrimento./ Pois sem ti anjo do amor/ Fico entregue em eterno torpor.

Damião – Todos os gracejos para ti são poucos/ Todos os cantos para ti são roucos/ Todos os atos de amor são loucos/ Não sejam os teus ouvidos moucos./ Dou-te agora meu coração/ Não me maltrates dizendo não.

Clara – Ora, ora! Mas vocês são ótimos poetas. Obrigada! Eu estou lisonjeada.

Cosme – Mas e então?

Damião – É e então?

Clara – Então o quê?

Cosme – Ora, com qual de nós dois você irá se casar?

Clara – Casar?

Damião – Escolha a mim linda princesa./ Tão bela quanto à natureza.

Cosme – Não dê ouvidos a ele nobre dama./ O que ele entende de quem se ama?

Damião – Não há nada que você possa fazer./ Porque é a mim que ela vai escolher.

Cosme – Lamento, mas você está com azar./ É comigo que Clara vai casar.

Damião – Seu idiota! Cale a boca.

Cosme – Cala boca já morreu quem manda na minha boca sou eu.

(Os dois retornam a briga até Clara gritar e eles pararem).

Clara – Parem já com isso. Pelo amor de Deus! Parem de brigar. Eu não vou, não posso e não quero me casar com nenhum de vocês dois. Aliás, eu ainda

estou muito nova pra pensar em casamento. E vocês também. Ainda precisam crescer muito e pararem de brigar por bobagem. Parecem até que ainda usam fraldas.

Damião- Ei, espere aí eu não uso fralda não.

Cosme- É, mas chupa o dedo.

Damião- E você que toma mamadeira.

Cosme – Ah, não era pra contar.

Damião – Mas você contou que eu chupo o dedo.

Clara – Parem! Será que vocês não conseguem ficar um segundo sem brigar? (Os dois param. Dão um segundo. Voltam a brigar.)

Cosme – Você não tinha nada que dizer isso.

Damião – E nem você seu bezerro desmamado. (Clara finge um desmaio).

Clara – Aaaaaiiii!!! (Os dois correm para socorrê-la como da primeira vez). Estão vendo? (Clara desperta assustando-os) Vocês são muito melhores quando param de brigar e decidem se ajudar um ao outro. Vocês ficam até mais bonitos e menos crianças. Eu tenho certeza de que se continuarem assim sem brigar vão encontrar na hora certa belas namoradas.

Cosme – Você acha, Clara?

Clara – Eu posso apostar que sim.

Damião – Vai ser muito bom.

Clara – Mas não se esqueçam: nada de brigas! (Os dois decidem se levantar para ir embora. Auxiliam-se.)

Damião- Dê uma mão aqui Cosme.

Cosme – Claro Damião.

Damião – Tchau, Clara! Obrigado pelos conselhos.

Clara – Nada!

Cosme – Obrigado mesmo Clara! E se encontrarmos alguma saída daqui nós te avisamos. Tchau!

Clara – Tchau, Cosme! Tchau, Damião! (Os dois se afastam e vão saindo de cena já voltando a discutir).

Cosme – Ei, não empurra!

Damião – É você que está empurrando...

Cena 10 –

Clara – Ai, eu tô com tanta saudade de casa. Do pai, da mãe... Queria tanto que a mãe viesse me buscar. (começa a chorar) Queria tanto ir pra casa. Comer broa, tomar leite... Ai, será que eu nunca mais vou ver minha mãe e meu pai? Nunca mais volto pra casa? (chora. Se aproxima um sapo. Está de cabeça baixa.) Ei, o que tem sapinho? Está triste?

Sapo Lindolfo – Tudo o que eu queria era sumir. Ir pra bem longe de tudo e de todos. Desaparecer até de mim.

Clara – O que houve? Me conte. Como se chama?

Sapo – Eu?

Clara – Éh, como se chama?

Sapo – Quem?

Clara – Você! Ora bolas!

Sapo – Você promete que não vai rir?

Clara – prometo.

Sapo – Olha, se você rir eu vou embora.

Clara – Tá eu já disse que não vou rir. Está prometido. Então, como se chama?

Sapo – Lindolfo. (Olha pra Clara. Espera o riso.) Tá, pode rir vai. Eu sei que é engraçado mesmo.

Clara – Mas o que há de engraçado com seu nome?

Sapo – O que há de engraçado? Você é cega? Olha pra mim. Como um sapo feio, asqueroso e repulsivo como eu pode se chamar Lindolfo?

Clara – Ei, Lindolfo! Você não é feio, asqueroso e nem repulsivo.

Sapo - Não? (olha surpreso) Espere aí. Você está só querendo ser simpática não é?

Clara – Não!

Sapo – Então deve estar achando que eu sou um príncipe encantado e que você só precisa me dar um beijo pra eu desencantar? Olha, perca a esperança de príncipe eu só tenho o nome.

Clara – Não é nada disso Lindolfo.

Sapo – Ahhhh! Então é o que eu mais temia. Você está querendo me gozar. Vai ficar rindo de mim. Vai me chamar de Feiolfo.

- “E aí Feiolfo já quebrou um espelho hoje?”

- “Sabe como o Feiolfo consegue seu alimento? Matando ele de susto”.

Clara – Ei, Lindolfo, eu não estou debochando de você e não o acho feio como está dizendo.

Sapo – Não? Olhe pra mim. Esse corpo verde e gordo, essa cara redonda, esses olhos enormes. Olha o tamanho da minha língua e essas manchas pelo meu corpo, essa falta de pescoço... e olha esses dedos...

Clara – Você é um sapo!

Sapo – Eu sei, mas...

Clara – Como pode querer ser diferente? Lindolfo cada um é como Deus o fez e não existe ninguém no mundo igual a outro alguém. Por isso não existe padrão. Ninguém é melhor ou pior que ninguém. Sabe que eu também tinha vergonha por ser muito baixinha? Viviam rindo de mim. Me chamavam de tampinha, nanica, anã, pintora de rodapé e por aí vai. Um dia minha mãe me disse pra eu não ficar triste e nem me zangar. O que chamam defeitos são apenas diferenças e as diferenças são o que nos fazem únicos, especiais. (Clara inicia uma canção com o tema: “As diferenças são o que nos fazem especiais”. Lindolfo começa desanimado. Aos poucos vai divertindo-se com a canção e termina por cantar o refrão, dançar, sapatear. Caem os dois de cansaço.)

Sapo – Puxa! Eu nunca tinha pensado assim.

Clara – Então não se esqueça Lindolfo. E Não se importe se o chamarem de Feiolfo e rirem de você. Se você não ligar eles vão deixar de incomodá-lo. Vai perder a graça.

Sapo – Por que fazem isso menina?

Clara – Minha mãe disse que ninguém tem coragem de assumir a sua diferença. Todos fingem então ser iguais. Inventam um tal “padrão de beleza” que muda de tempos em tempos e de espaços em espaços e quem estiver fora dele é considerado feio e deselegante. Uma hora bonito é ser gordinho, outra hora é ser atlético e tem hora que bonito é ser magro que nem um palito. Tem lugar que bonito é ter pescoção e tem lugar que bonito é pé pequeno. E ninguém percebe, ninguém se dá conta que mais bonito, mais bonito mesmo é ser único. Ser feliz como se é com todas as diferenças que são o que nos fazem especiais. (Voltam a cantar o refrão: “As diferenças são o que nos fazem especiais”. Sai Lindolfo cantando e dançando. Clara cai cansada.)

Cena 11 – A canção vai desfazendo-se. Clara fica deitada por um tempo. Volta-se a ouvir ao longe o Homem do Saco. Ele aparece mais uma vez na sombra chinesa.

Homem do Saco – venham, venham assistir o saco mágico! O saco que canta!
“Canta, canta meu surrão/ Senão te meto este bordão”.
(Clara volta a sentir dores fortes).

Clara – Ai! Essas dores de novo. Eu não vou agüentar. (pega a bola de prata)
Aaaiii! (O Homem do Saco continua falando enquanto bate no saco). Vou ter

que puxar a fita dourada mais uma vez. (As crianças aparecem correndo e gritando).

Crianças – Não puxe a fita menina! Não faça isso! Não puxe! Cante! Cante! Cante menina que a dor passará! Cante que a dor passará! A dor passará! (fala em eco)

Clara – (delirando) Cantar? Cantar...

“Neste surrão me meteram/ Neste surrão morrerei/ Por causa d’uns brincos d’ouro/ que no regato deixei”.

(O Homem do saco recebe aplausos e chovem moedas de ouro. Ele recolhe as moedas contente. As crianças se olham e vão indo embora. Clara está deitada muito cansada).

Clara – Não vão! Esperem! Por favor, esperem! (As crianças se olham. Decidem voltar). Quem são vocês? O que fazem aqui?

Criança 1 – Somos crianças... como você.

Criança 2 – Só crianças...

Criança 3 – Crianças... sempre...

Clara – O que fazem aqui? Vocês sabem como sair desse lugar?

Criança 1 – Não sabemos.

Criança 2 – Estamos presas aqui.

Criança 3 – Pra sempre...

Clara – Vocês nunca tentaram fugir daqui? Voltar pra casa de vocês?

Criança 1 – Não adianta.

Criança 2 – Nós não pertencemos mais a esse mundo.

Criança 3 – Eu queria voltar pra casa.

Clara – Por que vocês me impediram de puxar a fita dourada? (Criança 1 pega sua bola de prata. Pede que os outros também a peguem).

Criança 1 – Mostrem pra ela. Mostrem. (Elas estendem o braço. Abrem as mãos e mostram suas bolas). Veja menina. Nossas fitas douradas não entram mais em nossas bolas de prata.

Criança 2 – Não podemos fazer nada nesse sentido. Nossa linha da vida já foi toda puxada... até o final.

Criança 3 – Eu queria uma bola nova. Quer trocar comigo? (para Clara)

Criança 1 – Ela não pode. Nem se quisesse.

Criança 2 - Nós estamos condenadas a esse mundo seco e triste.

Clara – Pra sempre?

Criança 3 – Pra sempre... (As lágrimas brotam dos olhos de Clara).

Clara – Eu queria tanto voltar pra casa. Ver a mãe, o pai... nem que fosse uma última vez. Eu sinto tanta falta deles. Às vezes eles somem da minha cabeça e eu não consigo me lembrar do rosto deles. O que está acontecendo? Eu estou com tanto medo.

Criança 1 – Não se desespere menina. Ainda existe alguma esperança pra você.

Criança 2 – A sua fita não foi toda puxada. Tenha fé!

Criança 3 – “Viva a Deus e ninguém mais/ Quando Deus não quer ninguém nada faz”. (Começa a cantar. As outras crianças reforçam o coro).

Clara – (recobra o ânimo) Eu vou ter fé! Vou tentar... E vocês como se chamam?

Criança 1 – Nós não lembramos mais.

Criança 2 – Já faz tanto tempo...

Criança 3 – Eu me lembro. Eu me chamo Ma... Ma... Ma... (As outras a olham com piedade. Vão saindo).

Clara – Não me deixem só. Eu quero ir com vocês.

Criança 1 – Estamos todos sós menina.

Clara – Eu me chamo Clara.

Criança 1 – Bonito nome.

Clara – Me deixem ir com vocês.

Criança 2 – Você não pode. Não ainda.

Criança 3 – Adeus, menina Clara!

Clara – Adeus!

(Saem de cena cantando.)

Cena 12 – Quando Clara se dá conta às crianças sumiram. Repete os versos da canção meio automaticamente. Senta-se. Começa a ficar enjoada, tonta. Cambaleia. Põe a mão no ventre.

Clara – Ai! Eu estou tão tonta, tão enjoada... Sinto uma vontade de chorar e não sei do quê... Meu peito aperta, minha barriga dói... Não consigo nem respirar direito... (Surge o Gamo que corre na direção de Clara. Ela tenta fugir com medo. Ele não deixa. Gira em torno dela. Aos poucos ela começa a girar no seu próprio eixo. Solta os cabelos enquanto gira. Cai cansada. O Gamo a ampara).

Clara – Quem é você? O que aconteceu comigo?

Gamo – Nada de mal./ Só o tempo./ Um sopro do ar/ Como o vento./ Um novo instante em ti nasceu./ Não te assuste/ É a natureza quem chama./ Tua flor enrubesceu. (Gamo aponta e Clara retira uma flor vermelha do ventre).

Clara - Obrigada! E desculpe. Eu pensei que você queria me fazer algum mal. Não entendi que você só queria me ajudar.

Gamo - Não se desculpe

Clara – Mas eu o julguei.

Gamo - Não se culpe. Todos agem dessa forma na maioria das vezes em suas vidas. Pode-se estar recebendo um auxílio embora se acredite que está sofrendo um grande mal. Outras vezes sorriem para um mal terrível que vem em forma de benefício como um doce estragado ou um presente bonito que traz uma serpente maligna.

Clara - Obrigada, Gamo! Você me fez um bem. Estou melhor, mas me sinto diferente.

Gamo – Você vai se acostumar. É uma nova condição. Mas não me agradeça. Foi você quem se fez um bem. Não fiz nada.

Clara – Estranho... sinto que algo em mim morreu.

Gamo – Sim. É o ciclo da vida. Morrer para nascer. Algo em você morreu e algo em você nasceu. Uma nova fase. Um novo viver.

Clara – Um novo viver?

Gamo – Sim, um novo viver! (Torna a girar em torno de Clara).

Clara – Aonde você vai? Fique comigo.

Gamo – Ainda não é a hora, mas em breve ela chegará. (Sai de cena).

Cena 13 - Ouve um choro muito alto e exagerado. Procura e avista um palhaço de costas chorando muito.

Clara – Tudo bem com você? Aconteceu alguma coisa? (Ao perceber a presença de Clara ele disfarça o choro e vira-se sorrindo).

Palhaço – Ora, ora, ora, mas o que temos aqui? Um filhote de camelo ou será de javali?

Clara – Ei. Eu sou uma menina!

Palhaço – Menina...menina... menina... Menina gente, serpente ou será saliente?

Clara – Não! Eu sou menina-gente.

Palhaço – Como vai menina-gente? Eu sou o palhaço inteligente (estende a mão para Clara. Quando ela vai cumprimentá-lo ele tira a mão) Não, não! Palhaço Misto –quente! (estende mais uma vez a mão e tira). Não, não, não! Palhaço Pasta de dente! (estende e tira) Não, não, não e não! Desculpe-me. Palhaço Sorridente! (estende a mão e cumprimenta Clara. Pula enquanto balança o braço) Muito prazer menina-gente!

Clara – Eu me chamo Clara.

Palhaço – Clara? E onde está a gema? (ri) Ah, essa foi péssima, não?

Clara – Você podia soltar a minha mão?

Palhaço – Ah, claro... a mão. Espere um pouquinho. (tenta puxar a mão como se estivesse grudada) Espere, segura aqui minha outra mão. (tenta se desgrudar) Oh, não grudou também. Puxe menina! Puxe!

Clara – Eu estou tentando.

Palhaço - Força! Força! (os braços do palhaço esticam e ele cai para trás com uma cambalhota)

Clara - Você está bem? O que houve com seus braços?

Palhaço- (rindo) Não foi nada. Só uma piada. Você é muito boa! Já trabalhou num circo?

Clara - Não, eu...

Palhaço- Pois deveria. Você é o tipo perfeito...

Clara - Espere! Eu só estou perdida. “Você podia me dizer, por favor, qual é o caminho pra sair daqui?”

Palhaço- “Isso depende muito do lugar para onde você quer ir”.

Clara – “Ah, não me importa muito onde...”

Palhaço- “Nesse caso não importa por onde você vá”.

Clara – “...contanto que eu chegue a algum lugar...”

Palhaço- “É claro que isso acontecerá. Desde que você ande durante algum tempo”. (Clara abaixa a cabeça triste) Ora, ora não fique triste. Veja só. Eu vou fazer uma mágica pra você. Vou contar até três e vão aparecer três frutas. Vamos lá! É um, é dois e é três (estende as mãos). Tcharam!

Clara - Ué, mas eu não estou vendo nada.

Palhaço- Como não? O que é isso? (mostra a mão)

Clara - Uma mão.

Palhaço- Pois é. A primeira fruta: mamão. E o que é isso?(sacode a manga da camisa)

Clara - Uma manga?

Palhaço- Muito bem! Aí está a segunda fruta: manga. (fica em silêncio)

Clara - E a terceira?

Palhaço- Uma banana! (faz uma banana com os braços. Ri) Ah, essa foi muito boa não é? (ri)

Clara - (rindo) Você é um bobo!

Palhaço- Bobo é ovo na casca do ovo!

Clara – O que houve com você? Eu posso te ajudar?

Palhaço- Ajudar? Quer ser a minha ajudante?

Clara- Não! Eu quero saber porque você está triste?

Palhaço- Triste? Eu? Mas eu sou a alegria em pessoa. Quero dizer em palhaço.

Clara - Não adianta esconder. Eu posso ver. Você está triste. O que houve? Está perdido como eu?

Palhaço- Eu? Estou! (abraça Clara. Canastrão) Estou perdido. Perdido de amor.

Clara - De amor?

Palhaço - Completamente perdido. Eu fui desprezado, insultado, desdenhado, injuriado, ridicularizado, humilhado, aviltado...

Clara - Ora, quem teria feito uma coisa dessas com você?

Palhaço- Aquela com quem eu viveria até o meu último suspiro, a quem eu daria o meu último sorriso e quem eu amaria até depois disso.

Clara - Quem?

Palhaço – “O pierrô apaixonado/ Que vivia só cantando/ Por causa de uma Colombina/ Acabou chorando, acabou chorando”. (Chora muito. Exagerado)

Clara - Ei pierrô! Pierrô! Existem no mundo outras Colombinas. Você vai achar uma que mereça o seu amor.

Palhaço- Será?

Clara - Claro!

Palhaço- Mas será?

Clara - Claro que sim.

Palhaço - Só mais uma vez pra me convencer. Seráááá?

Clara - Claro seu bobo.

Palhaço- É verdade. Eu já posso até ver...

(Inicia-se uma reprise de palhaço: Clara coloca um nariz de palhaço, uma peruca, adereços. Os dois em pontos opostos se arrumam para um encontro.

Depois de prontos saem. O palhaço chega primeiro. Espera. Desiste da espera e vai embora. Chega Clara atrasada correndo. Espera. Desiste e vai embora. Volta o palhaço com flores. Espera. Cansado vai embora. Volta Clara com um presente. Espera. Sai. Voltam os dois olhando o relógio. Esbarram-se. Pedem desculpas, mas não se percebem. Esperam juntos um pelo outro. Viram-se de um lado a outro sincronizados não percebendo-se ainda. Cansados de esperar e aborrecidos jogam as flores e o presente no chão e vão embora. Param de costas e arrependidos decidem voltar. Abaixam-se para pegar as flores e o presente. Se vêem. Assustam-se e correm cada um para um lado. Acenam-se tímidos. O palhaço mostra as flores. Clara mostra o presente. Correm juntos um para o outro. Passam sem se ver indo para o lugar que o outro estava. Repete-se a corrida um pelo outro. Mais uma vez e se batem caindo no chão junto com flores e presente. Os dois se olham. O palhaço pega o presente e Clara as flores. Dão um para o outro ainda se olhando. Olham-se. Olham-se. Atiram-se um ao outro abraçando-se e beijando-se. O palhaço levanta uma placa cobrindo o beijo. Nela está escrita: “FIM”. Aplausos. Agradecem.)

Palhaço – Muito bom! Muito bom, menina Clara! Você é uma palhacinha muito boa. Não quer se juntar a mim e sair pelo mundo levando o riso, a alegria, o sonho e a magia do circo? Espere por que você está chorando? Tudo bem, tudo bem, você não é obrigada a vir comigo não. Eu não vou sequestrá-la. Não chore.

Clara – Desculpe-me. Minhas lágrimas não são de medo ou tristeza. Não dessa vez. São de alegria. Foi o primeiro momento desde que eu estou perdida aqui nesse mundo que eu consegui esquecer minha dor e sorrir de verdade. Graças a você.

Palhaço – Graças a você eu também estou feliz. Minha menina-gente, menina-Clara, menina dos olhos d’água. (se abraçam) Se eu pudesse ajudaria a encontrar o caminho da sua casa, mas eu não sei... “não sei de tudo quase sempre quanto nunca”... E eu preciso ainda continuar a minha busca pelo amor perdido e encontrar talvez nova alegria.

Clara – Tudo bem! Eu tenho fé que você vai encontrar o seu amor.

Palhaço – E você o seu lar.

Clara – Boa sorte, amigo!

Palhaço – Boa sorte, menina!

Clara – O nariz!

Palhaço – Fique com ele. Uma vez palhaço, palhaço sempre. Adeus, menina! Adeus! E se tua sina é chorar/ Que seja só de alegria e seja curto o teu pesar.

Clara – Adeus! Adeus! (Sai o palhaço correndo. Bate na parede e dá uma cambalhota pra trás. Clara ri. Ele acena de longe. Sai).

Cena 14 – Clara olha o nariz.

Clara – Eu tenho tanto medo. Medo de não voltar a vê-los. Medo de ficar sozinha aqui pra sempre.(O Gamo aproxima-se de Clara).

Gamo – Você não está sozinha. E nem vai ficar/ Jamais a abandonarei em dias de sorte ou azar.(Clara olha para o Gamo com carinho. Passa a mão em sua cabeça. Coreografia de sedução: Ele foge, ela procura, ele se esconde, surge de surpresa).

Clara – Você pode jurar/ pelo céu e o mar?

Gamo – Juro! Pelo céu, mar, fogo, terra, vida, morte... Desde o primeiro momento que a vi jurei que jamais a deixaria só. Que velaria o teu sono e a carregaria em meu dorso quando as forças te faltassem. Que buscaria a última estrela do firmamento se fosse essa tua vontade. E que para sempre te... (abaixa a cabeça entimidado).

Clara – Diga! (afaga-lhe o pelo) Diga o que está estancado em sua garganta e o que arde no seu peito... e no meu.

Gamo – Desde o primeiro momento que a vi jurei que para sempre te amaria e a ti daria o meu coração.

Clara – E eu dou a você o meu.(Os dois se aproximam e beijam-se. Clara derrama suas lágrimas. O Gamo as enxuga. Canção tema dos enamorados.) Você me traz esperança. Do seu lado tenho mais vontade de viver apesar do cansaço, da fome, da sede e da dor. Você me dá forças pra acreditar que conseguirei um dia encontrar meu lar de novo.

Gamo – Tudo o que desejo é vê-la feliz. Se for preciso quebrar meu juramento para tal o faço com prazer. Deixo-te só mais uma vez, mas será breve o meu regresso.

Clara – Não! Não me deixe!

Gamo – Nada tema. Voltarei. Posso correr como o vento e buscarei por todos os caminhos aquele que leva até tua casa. Depois a busco e a levo até lá.

Clara –A última coisa que eu queria agora é me afastar de você. Justamente agora que o encontrei. É tão bom se sentir acolhida, segura e amada... mas eu espero pois quero muito rever os meus pais a quem tanto amo.

Gamo – Até breve, minha pequena! Se houver um caminho nesse mundo que a leve de volta encontrarei. Que nem um mal te aflija na minha ausência.

Clara – Eu te amo! Como jamais amei alguém. (beija o gamo)

Gamo – Também a amo. Mais do que o ar que respiro e mais do que o sangue em minhas veias. (Sai de cena o Gamo)

Cena 15 –

Clara – Desejo que você tenha sorte e me alivie o peito dessa saudade que me consome. Sinto que estou perdida há tanto tempo... nem sei quanto. Não sei se passaram dias, meses ou anos... Aaaaaiiiiiii!!!!!! De novo não! (volta a sentir dores) Aaaaaiiii!!! Cante Clara! Cante! (começa a cantar baixinho já sem forças. Voz do Homem do Saco em off.) Aaaaaiiii!!! Eu não consigo! Não tenho mais força. (A Serpente se aproxima e morde Clara que grita e chora de pavor. O Gamo volta correndo).

Gamo – Ser maligno! Afaste-se de Clara. Experimentarás minha fúria.

Serpente – O que podes tu, servo do amor?

Gamo – Vencer o mal e a dor. (Luta com a cobra matando-a por fim. Aproxima-se de Clara que está caída).

Gamo – Acalma-te meu amor. O mal já findou-se.

Clara – Ainda não... (ela mostra a perna) Ela me picou.

Gamo – Oh, não! Maldição! Por que fui afastar-me de ti? É culpa minha...

Clara – Não é culpa sua. Você só queria o meu bem. Não podia saber...

Gamo – Deve haver algum antídoto. Tenhamos esperanças! Vou atrás de quem possa salvar-te, pois isso foge dos limites dos meus conhecimentos. Não tema meu amor. Voarei como um relâmpago e aparecerei diante de ti como num piscar de olhos.

Clara – Eu espero meu amado (chorando)

Gamo – Fique de olhos abertos. Sempre. (sai o Gamo)

Clara – Os olhos bem abertos... os olhos bem...

Cena 16 - Entra a Velha.

Velha – Isso não adianta mais. Seu tempo agora é curto.

Clara – Senhora, me ajude! Uma serpente me picou.

Velha – Eu sei. Eu vou ajudá-la. Onde está o presente que lhe dei?

Clara – A bola de prata?

Velha – E qual outro? Ela mesma. E é claro com a fitinha dourada.

Clara – Está aqui no meu bolso.

Velha – Deixe eu ver.

Clara – (Clara pega a bola de prata e percebe que a fita dourada já está quase toda pra fora faltando só um fiozinho). Ah, meu Deus!

Velha – Como eu desconfiava. Sua vida se esvai. Como se diz: está por um fio.

Clara – Quem é a senhora?

Velha – Eu? Apenas uma pobre velha... Alguns me chamam a Dama da Noite. Eu sou a Boa Morte e vim pra lhe buscar.

Clara – Não! Eu não quero ir!

Velha – Você não tem escolha.

Clara – Deve de ter algum jeito...

Velha – Vamos menina. Eu não tenho tempo a perder.

Clara – Não me leve. Eu te suplico.

Velha – Eu sou cega e surda a qualquer pedido, a qualquer apelo, a qualquer súplica. Não enxergo a dor alheia. Não porque eu quero. Eu preciso ser assim. Não posso me afetar com lágrimas. Eu não enxergo, não escuto e não sinto sentimento.

Clara – Não! Por favor! Me deixe ao menos rezar um Pai Nosso antes de morrer. Não me leva antes. Jura?

Velha – Está bem. Juro! Esse é um pedido que não se nega a um cristão.

Clara – Obrigada, D. Morte! Deus a guarde. A senhora é muito boa.

Velha – Vamos logo com isso menina.

Clara – (de joelhos junta as mãos em prece lentamente) Pai nosso que estás no céu... (silêncio)

Velha – Vamos menina, continue (silêncio) Vamos, reze o resto da oração.

Clara – De jeito nenhum. A senhora jurou que me deixava rezar o Pai Nosso, mas eu não disse quanto tempo ia demorar pra fazê-lo. Esse meu Pai Nosso vai durar anos e mais anos.

Velha – Não pense que pode me enganar menina. Você se julga muito esperta, não é? Eu não posso quebrar um juramento, mas vou estar atenta a qualquer

distração sua. É bom que você seja muito esperta mesmo. Até breve, mocinha! Até breve! (A Velha sai).

Cena 17 - Clara pega a bola de prata em seu bolso e vê que a fita voltou para dentro dela.

Clara - Obrigada meu Deus! Obrigada por essa nova chance! Aaaaaiiiii! (volta a sentir as dores. Voz do Homem do Saco) Ai, todo mal se acaba. Até a morte eu venci. O que faço pra me livrar dessa dor? Nem a Deus eu posso mais pedir senão a morte me leva. Ai! O que eu faço meu pai? (pensa) E se eu pedir pra mãe? É isso!

Valei-me Nossa Senhora!
Valei-me minha mãe Iemanjá!
Valei-me minha mãezinha!
Me tira desse lugar.

(Surge a Mãe. Vem de azul. Clara chora. Canção de Iemanjá)

A Mãe – Minha menina... Doce clara, você me chamou?

Clara – Chamei minha mãezinha. Me tira desse lugar.

A Mãe – Acalma-te minha filhinha. Se esse mundo não te agrada, se só há dor e sofrimento/ Transforme ele agora. Está em ti o livramento.

Clara – Em mim? Aonde?

A Mãe – Nos teus olhos pequena. Nos teus olhos tem um mar azul e bonito. Deixa- o escorrer. Seu choro salgado como o mar trará vida as coisas mortas. Sal da vida, luz do mundo que enche tudo de esperança, amor e paz. Derrame esse teu mar menina. Quem sabe assim teu sonho se realize?

(Clara continua chorando cada vez mais e um azul forte toma a cena. Uma luz ou um tecido gigante que se agita como um mar. Ela perde a consciência e é levada pelo mar que toma conta de tudo.)

Clara – Me leva minha mãezinha! Me leva desse lugar! (Sai A Mãe com Clara de cena).

Cena 18 – Entra a mãe de Clara trazendo ela para casa. Beija-a e a deita em uma esteira. Clara delira.

Clara – Mãezinha! Mãezinha!

Mãe – Calma fia, tá tudo bem agora. Se tá em casa.

Clara – Em casa? Eu tô livre?

Mãe – Livre minha fia. Livre!

Clara – E as crianças? E a Morte? E o Gamo?

Mãe – Deita fia. Deita. Cê tá com febre. Cê precisa discansá. Toma bebe um gole d'água.

Clara – Mas mãe ajude as crianças. Livra elas de lá... (desmaia)

Mãe – Pode deixa Clarinha. Eu ajudo. Agora dorme. Dorme minha fiínha. (acaricia a cabeça de Clara) Agora eu vou cuida daquele fio дума égua, aquele lazarento que roubo ocê. Ah, mas se seu pai num tivesse saído pelo mundo a sua procura esse Homi do Saco ia vê só. Seu pai rancava o coro dele. Mas como eu tô sozinha o mió foi mêmo enche os corno dele de cana. Bebeu tanto que caiu estribuchado roncando que nem um porco. O cramulhão foi ter a burrice de arriscá volta pras mêmas bandas que raptô minha minina e achô que eu num ia di reconhecê a voz da minha própria fia. Ah, quando eu reconheci sua voz dentro do saco meu coração apertô, mas dicidi fica carma e assisti o showzinho dele até o final. Aí convidei ele pra jantá, tomá alguma coisa e discansá. E ele aceitô. Cumeu, bebeu e caiu que nem um fio дума cuia. Aí quando ele emborcô peguei o saco e tirei minha Clarinha de dentro dele. Tadinha! Tá tão fraquinha, tão magrinha... Mas agora ele vai vê só o quê que eu vou aprontá pr'ele. Onde é qui tá aquele saco imundo? Ah, tá aqui. (abre o saco) Oh, meu Deus do céu! Quantas criança não devi de tê sofrido e sucumbido nas mão desse demônio. Vão minhas criança, cês tão livre agora. Suas alma já pode discansá em paz. (som das crianças cantando: “Viva a Deus e ninguém mais/ Quando Deus não quer ninguém nada faz...”) Agora eu vô dá prosseguimento no meu plano colocâno uma surpresinha aqui pru Homi do Saco levá. (sai de cena)

Cena 19 – O Homem do Saco aparece na sombra chinesa.

Homem do Saco – Vamos chegar minha gente! Venham ver o saco encantado!
O saco que canta! Venham ver!

“Canta, canta meu surrão
Se não te meto este bordão”!

Venham, venham ver! O saco vai cantar!

“Canta, canta meu surrão
Se não te meto este bordão”!

(Começa a bater e repetir o verso cada vez com mais intensidade até que o saco explode).

Homem do Saco – Aaaaaaiiiiiiiii!!!! É cocô! É cocô! Ai que nojo! (muitos risos)

Cena 20 – A mãe vai até a menina que desperta.

Clara – Mãe!

Mãe – Acordô minha fia? Tá mió?

Clara – Mãe, cadê o mar? Cadê o mar mãe?

Mãe – O mar minha fía tão nos seus óio. (As duas se abraçam. A menina chora. Canção de Iemanjá).

Gabriel Sant’Anna
17/7/06